

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

REITOR JAIME ARTURO RAMÍREZ

VICE-REITORA SANDRA REGINA GOULART ALMEIDA

EDITORA UFMG

DIRETOR WANDER MELO MIRANDA

VICE-DIRETOR ROBERTO ALEXANDRE DO CARMO SAID

CONSELHO EDITORIAL

WANDER MELO MIRANDA (PRESIDENTE)

DANIELLE CARDOSO DE MENEZES

EDUARDO DE CAMPOS VALADARES

ÉLDER ANTÔNIO SOUSA PAIVA

FAUSTO BORÉM

FLAVIO DE LEMOS CARSALADE

MARIA CRISTINA SOARES DE GOUVÊA

ROBERTO ALEXANDRE DO CARMO SAID

COORDENAÇÃO EDITORIAL MICHEL GANNAM

ASSISTÊNCIA EDITORIAL ELIANE SOUSA

DIREITOS AUTORAIS MARIA MARGARETH DE LIMA E RENATO FERNANDES

COORDENAÇÃO DE TEXTOS MARIA DO CARMO LEITE RIBEIRO

PREPARAÇÃO DE TEXTOS CAMILA FIGUEIREDO

REVISÃO DE PROVAS TALITA CORRÊA E FLAVIANA CORREIA

PROJETO GRÁFICO E CAPA FERNANDA MONTE-MÓR

FORMATAÇÃO FERNANDA MONTE-MÓR E CAROLINE GISCHESKI

PRODUÇÃO GRÁFICA WARREN MARILAC

EDITORA UFMG

AV. ANTÔNIO CARLOS, 6.627 – CAD II / BLOCO III

CAMPUS PAMPULHA – 31270-901 – BELO HORIZONTE/MG

TEL: + 55 31 3409-4650 – FAX: + 55 31 3409-4768

WWW.EDITORAUFG.COM.BR – EDITORA@UFMG.BR

CADERNOS TEMÁTICOS
JUVENTUDE BRASILEIRA E ENSINO MÉDIO

ORGANIZADORAS
LICÍNIA MARIA CORREA, MARIA ZENAIDE ALVES
E CARLA LINHARES MAIA

▲ JUVENTUDES, SEXUALIDADES E RELAÇÕES DE GÊNERO

PAULO HENRIQUE DE QUEIROZ NOGUEIRA
ANNA CLAUDIA EUTRÓPIO B. D'ANDREA

BELO HORIZONTE
EDITORA UFMG
2014

© 2014, OS AUTORES

© 2014, EDITORA UFMG

ESTE LIVRO OU PARTE DELE NÃO PODE SER REPRODUZIDO

POR QUALQUER MEIO SEM AUTORIZAÇÃO ESCRITA DO EDITOR.

C122 Cadernos temáticos : juventude brasileira e Ensino Médio / Licinia Maria Correa, Maria Zenaide Alves, Carla Linhares Maia, organizadoras. – Belo Horizonte : Editora UFMG, 2014.

14 v. : il.

Inclui bibliografia.

Caderno 1. Ver, ouvir e registrar: compondo um mosaico das juventudes brasileiras / Carla Linhares Maia, Licinia Maria Correa – Caderno 2. O Ensino Médio no Brasil: desafios e perspectivas / Helen Cristina do Carmo, Licinia Maria Correa – Caderno 3. Os jovens e a escola / Geraldo Leão, Helen Cristina do Carmo – Caderno 4. Culturas juvenis e tecnologias / Juliana Batista dos Reis, Rodrigo Ednilson de Jesus – Caderno 5. Juventude e projetos de futuro / Sara Villas, Symaira Nonato – Caderno 6. Juventude e trabalho / Geraldo Leão, Symaira Nonato – Caderno 7. Juventude, indisciplina e regras escolares / Paulo Henrique de Queiroz Nogueira, Sara Villas – Caderno 8. Juventudes, sexualidades e relações de gênero / Paulo Henrique de Queiroz Nogueira, Anna Claudia Eutrópio B. d'Andrea – Caderno 9. Juventudes e territórios: o campo e a cidade / Maria Zenaide Alves, Igor Oliveira – Caderno 10. Juventude e diversidade étnico-racial / Rodrigo Ednilson de Jesus, Juliana Batista dos Reis – Caderno 11. Juventudes e participação política / Igor Oliveira, Catherine Hermont – Caderno 12. Estratégias metodológicas de trabalho com jovens / Maria Zenaide Alves, Catherine Hermont – Caderno 13. Juventude, drogas e redução de danos / André Geraldo Ribeiro Diniz, Isabela Saraiva de Queiroz, Paulo Henrique de Queiroz Nogueira – Caderno 14. Propostas de rodas de diálogo: atividades e oficinas / coordenadora: Shirlei Rezende Sales; colaboradores: Aline Gonçalves Ferreira ... [et al.]

ISBN: 978-85-423-0117-5

1. Juventude. 2. Juventude – Aspectos sociais. 3. Educação. I. Correa, Licinia Maria. II. Alves, Maria Zenaide. III. Maia, Carla Linhares.

CDD: 305.23

CDU: 301.16

CADERNOS DESTA COLEÇÃO

APRESENTAÇÃO

Licinia Maria Correa

Maria Zenaide Alves

Carla Linhares Maia

VER, OUVIR E REGISTRAR:

COMPONDO UM MOSAICO DAS

JUVENTUDES BRASILEIRAS

Carla Linhares Maia

Licinia Maria Correa

◆ O ENSINO MÉDIO NO BRASIL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Helen Cristina do Carmo

Licinia Maria Correa

◆ OS JOVENS E A ESCOLA

Geraldo Leão

Helen Cristina do Carmo

● CULTURAS JUVENIS E TECNOLOGIAS

Juliana Batista dos Reis

Rodrigo Ednilson de Jesus

● JUVENTUDE E PROJETOS DE FUTURO

Sara Villas

Symaira Nonato

■ JUVENTUDE E TRABALHO

Geraldo Leão

Symaira Nonato

◆ JUVENTUDE, INDISCIPLINA E REGRAS ESCOLARES

Paulo Henrique de Queiroz Nogueira

Sara Villas

▲ JUVENTUDES, SEXUALIDADES E RELAÇÕES DE GÊNERO

Paulo Henrique de Queiroz Nogueira

Anna Claudia Eutrópio B. d'Andrea

▼ JUVENTUDES E TERRITÓRIOS: O CAMPO E A CIDADE

Maria Zenaide Alves

Igor Oliveira

● JUVENTUDE E DIVERSIDADE
ÉTNICO-RACIAL

Rodrigo Ednilson de Jesus

Juliana Batista dos Reis

● JUVENTUDES E
PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

Igor Oliveira

Catherine Hermont

● ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS
DE TRABALHO COM JOVENS

Maria Zenaide Alves

Catherine Hermont

● JUVENTUDES, DROGAS
E REDUÇÃO DE DANOS

André Geraldo Ribeiro Diniz

Isabela Saraiva de Queiroz

Paulo Henrique de Queiroz Nogueira

▼ PROPOSTAS DE RODAS
DE DIÁLOGO: ATIVIDADES
E OFICINAS

Coordenadora:

Shirlei Rezende Sales

Colaboradores:

Aline Gonçalves Ferreira,

Camila Said, Douglas Resende,

Francielle Vargas,

Henrique Cosenza,

João Perdigão, Michel

Montandon, Silvia Amélia

Nogueira de Souza

/ APRESENTAÇÃO

Caro leitor,¹

Você está recebendo a coletânea *Cadernos temáticos: juventude brasileira e Ensino Médio*. Estes cadernos foram elaborados, primordialmente, como referencial didático-metodológico produzido para o curso de atualização Juventude Brasileira e Ensino Médio Inovador – JUBEMI, ministrado durante os anos de 2012 e 2013 para professores das redes estaduais de ensino participantes do Programa Ensino Médio Inovador.

O curso constitui-se em uma das ações do projeto Diálogos com o Ensino Médio, desenvolvido pelo Observatório da Juventude da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e pelo Observatório Jovem da Universidade Federal Fluminense – UFF, em parceria com o Ministério da Educação.

Nosso principal desafio foi oferecer a professores de todo o país instrumental teórico, metodológico, didático

e pedagógico que lhes permitisse dialogar com a diversidade juvenil, principalmente com as juventudes que estão imersas no cotidiano de suas escolas.

Nesse sentido, o objetivo principal na elaboração deste material é fornecer subsídios para que professores do Ensino Médio e licenciandos possam refletir sobre essa etapa de ensino e, mais especificamente, sobre os temas que remetem aos sujeitos, jovens alunos com os quais atuam ou atuarão. A experiência de construção e utilização do material didático durante o curso Juventude Brasileira e Ensino Médio Inovador mostrou-se profícua e assertiva, sendo referendada por professores cursistas, professores tutores e formadores. O êxito do processo formativo e as avaliações positivas por parte dos professores cursistas estimularam nosso desejo de que esse material chegasse até você e fosse compartilhado com professores que atuam diretamente junto aos jovens. A publicação deste material didático em formato impresso traduz e concretiza nosso desejo.

A coletânea foi elaborada em formato de cadernos temáticos, com 13 cadernos referentes aos temas abordados nos módulos do curso e um caderno com propostas de atividades e oficinas que cada professor poderá desenvolver na escola, explorando os temas discutidos, que são:

1. Ver, ouvir e registrar: compondo um mosaico das juventudes brasileiras;
2. O Ensino Médio no Brasil: desafios e perspectivas;
3. Os jovens e a escola;
4. Culturas juvenis e tecnologias;
5. Juventude e projetos de futuro;
6. Juventude e trabalho;
7. Juventude, indisciplina e regras escolares;
8. Juventudes, sexualidades e relações de gênero;
9. Juventudes e territórios: o campo e a cidade;
10. Juventude e diversidade étnico-racial;
11. Juventudes e participação política;
12. Estratégias metodológicas de trabalho com jovens;
13. Juventudes, drogas e redução de danos;
14. Propostas de rodas de diálogo: atividades e oficinas.

Os cadernos foram organizados por cores, cada cor tratando de uma temática desenvolvida no curso. Essa organização indica uma ordenação não hierárquica e não linear entre as temáticas e permite que você, leitor, possa ler os cadernos na ordem que escolher, construindo, assim, o seu percurso de leitura e reflexão. Desse modo, os cadernos temáticos são independentes e, ao mesmo

tempo, complementares. São independentes porque você pode começar sua leitura pelo tema que desejar ou necessitar. Complementares, porque um tema chama outro. Ou seja, nossa intenção foi produzir textos dialógicos, interativos e formativos. Os textos trazem sugestões de atividades para você realizar individualmente, com seus colegas e com seus jovens alunos.

As reflexões suscitadas em suas leituras podem ser aprofundadas com material complementar, disponível na internet, nos sites do *PORTAL EMDIÁLOGO* ([HTTP://WWW.EMDIÁLOGO.UFF.BR/](http://www.emdiologo.uff.br/)) E DO JUBEMI ([HTTP://WWW.OBSERVATORIO DAJUVENTUDE.UFMG.BR/JUBEMI](http://www.observatorio.dajuventude.ufmg.br/jubemi)). Assim, convidamos você, leitor, a compartilhar conhecimentos sobre os temas, questões, leituras e debates sobre o Ensino Médio, tendo como eixo orientador os jovens alunos, sujeitos do processo educativo que se desenvolve em sua escola.

Licinia Maria Correa
Maria Zenaide Alves
Carla Linhares Maia

→ NOTA

- 1 Para garantir uma melhor fluidez na leitura, as organizadoras desta publicação optaram por extinguir, em alguns casos, as distinções de gênero que se faziam presentes em muitos textos. As organizadoras, no entanto, reconhecem a importância e a pertinência de tais distinções.

Paulo Henrique de Queiroz Nogueira
Anna Claudia Eutrópio B. d'Andrea

/ JUVENTUDES, SEXUALIDADES E RELAÇÕES DE GÊNERO

→ INICIANDO O MOSAICO

Caro leitor,

Neste caderno, vamos discutir o tema da juventude e as questões da sexualidade e das relações de gênero.

Talvez você já saiba o que são “relações de gênero”, talvez não. Para começarmos, é importante que saibamos do que estamos falando. A palavra “gênero” tem um uso muito variado. Em ambientes escolares, por exemplo, é comum que professores que trabalham com língua portuguesa falem de diferentes gêneros linguísticos ou textuais. Também falamos de gênero de música que gostamos; e, quando vamos ao cinema, escolhemos o gênero de filme que preferimos (comédia, drama, suspense, terror etc.).

Aqui falaremos de outro conceito de gênero, mais especificamente trataremos de *relações de gênero*. A

palavra *gênero* designa as várias possibilidades construídas dentro de uma cultura específica de nos reconhecermos como homens ou mulheres. Assim, ser homem e mulher pode variar sensivelmente dependendo da época, do lugar e ainda dos valores sociais que norteiam as interações dos indivíduos numa dada sociedade. Falamos sempre de *relações de gênero* porque entendemos que a construção do feminino e do masculino acontece de forma relacionada e interdependente.

É isso que vamos discutir. Nesse sentido, pensar como a condição juvenil também se expressa numa perspectiva de gênero, visto que os meninos e as meninas são interpelados a se afirmarem como homens e mulheres ao incorporarem atributos considerados masculinos ou femininos na cultura em que vivem. E isso tem tudo a ver com sexualidade e vivência das experiências sexuais. Papo que interessa muito aos jovens, não é mesmo?!

Anna Claudia e Paulo

→ OBSERVANDO FORMAS E TEXTURAS

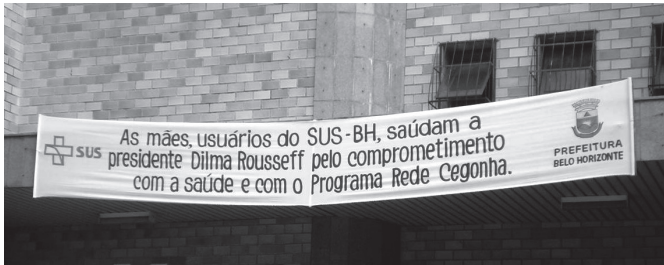
Olhando para os lados, vendo de novo e percebendo traços de gênero ao nosso redor!

Faça agora um pequeno exercício. Olhe para os lados. Pode ser ao seu redor imediato, aquilo que acontece aí do seu lado agora, enquanto você lê esse texto. Mas pode ser o que ficou na rua, ali na esquina, na sua ida ao centro para fazer compras, na festa de aniversário de sua sobrinha, enfim, qualquer lugar que você tenha ido recentemente. Olhe com cuidado! Você viu?

Você deve estar se perguntando o que é para ver, não é mesmo? Tente ver como o nosso olhar pode “generificar” o mundo. Melhor dizendo, como a gente vê as coisas ao nosso redor numa perspectiva de gênero.

Vamos tomar um exemplo. Veja as três fotos a seguir:





São fotos tiradas numa única manhã, em uma ida a um shopping. São cartazes e faixas dispostos publicamente, que buscam passar uma mensagem ao leitor. Será que é uma mensagem neutra? Será que é uma mensagem qualquer?

Observem como utilizam a lógica de gênero para dar força a suas ideias:

- › No primeiro cartaz, de uma loja de depilação *a laser*, está escrito “Cá entre nós, pelo ninguém merece!” junto a uma foto de uma mulher com bigode e sobrancelhas engrossados com caneta.
- › Na segunda imagem, a faixa diz: “As mães, usuários do SUS-BH saúdam a presidente Dilma Rousseff pelo comprometimento com a saúde e com o Programa Rede Cegonha.”
- › O terceiro cartaz é de uma loja de brinquedos em que uma bela fada, já adolescente, caracteriza a boneca Barbie numa nova coleção: “Barbie e o segredo das fadas.”

Por que homens devem ter pelos e mulheres não? Por que apenas as mães agradecem um programa de cuidado da gestação? Homens não têm nenhuma participação na fecundação e cuidado da criança? Por que as mães são “os” usuários do SUS? Sendo mulheres usuárias, por que afirmar que são *usuários*? E por que a Barbie nessa versão é fada, está de cor de rosa com varinha de condão e minissaia? Que padrão de feminilidade a gente está veiculando quando dá de presente essa boneca e apresenta esse modelo de mulher para as meninas?

Chama a nossa atenção o modo como esse tipo de mensagem, que reforça determinados entendimentos sobre o ser homem e o ser mulher, muitas vezes, passa

despercebido para a maioria das pessoas. Muitas pessoas veem essas imagens e nem percebem que estão sendo educadas através delas sobre o que se espera, em uma cultura, sobre o ser homem e o ser mulher.

Ao longo da história, diferentes comportamentos e posturas foram tidos como adequados ou esperados de homens ou mulheres. Algumas justificativas para essas expectativas se baseiam, exclusivamente, em questões biológicas. Por exemplo, como é a mulher que tem útero e, conseqüentemente, gera a criança, já foi dito que a responsabilidade com o cuidado dos filhos seria exclusivamente dela. Porém, temos notícias de culturas em que os homens cuidam das crianças recém-nascidas, enquanto mulheres fazem outras atividades. Contemporaneamente, cada vez mais, tem sido afirmado o desejo e capacidade de homens de exercerem atividades relacionadas ao cuidado e ao afeto.

Sendo assim, uma faixa como a da foto reforça uma visão da exclusividade feminina nas atividades relacionadas à reprodução ou ao cuidado dos filhos, que reitera desigualdades e preconceitos. Vejam como essa visão, muitas vezes, aparece no discurso dos jovens: “Não quero nem saber se ela engravidou ou não. A barriga pega é na mulher. Ela é que tinha que ter evitado.” Esse exemplo mostra como as desigualdades de gênero se perpetuam. As instituições sociais, entre elas, a escola, podem oferecer espaços de reflexão intencional sobre essas questões, muitas vezes, naturalizadas. Com isso, outros

rumos e outras possibilidades para as relações de gênero em nossa juventude serão trilhados. Apostamos num Ensino Médio Inovador como um caminho para isso!

→ OBSERVANDO FORMAS E TEXTURAS

Diferenças e desigualdades

Discutir relações de gênero não se reduz ao biológico, exige pensar e questionar relações de poder. Nossa sociedade costuma produzir discursos e situações que hierarquizam diferenças, transformando essas diferenças em desigualdades. Você já pensou nisso? Somos todos diferentes e isso é fato. Porém, há uma construção, muitas vezes, invisível que determina que um polo dessa diferença seja bom e o outro seja ruim. Por exemplo, existem pessoas que moram na cidade e outras que moram no campo ou na zona rural. De forma sutil, somos levados a acreditar que morar na cidade é melhor do que morar no campo, e as pessoas das cidades são superiores ou mais civilizadas que as que moram no campo. Isso acontece de forma tênue e, muitas vezes, nem nos damos conta. Vejam as representações da vida rural que permeiam as novelas. São normalmente caricaturais, cômicas ou “ingênuas”. Sem perceber, vamos alimentando a transformação de uma diferença em um privilégio. Veja outro exemplo: homens e mulheres. Homens e mulheres são diferentes. Porém, socialmente, vai se construindo uma

versão sobre essa diferença que coloca homens como mais privilegiados/poderosos que mulheres. E a diferença que existe vai se transformando em uma desigualdade de direitos. Veja um exemplo de como isso é construído:

**A BOMBRIL LANÇOU UMA CAMPANHA
CHAMADA “MULHERES EVOLUÍDAS”:¹**

Nessa campanha, aparecem atrizes vestidas com ternos e se comportando de forma bastante masculinizada, dizendo que isso é a “evolução”. Além da clássica atribuição da responsabilidade pelas tarefas domésticas às mulheres, há uma mensagem nessa propaganda de que a “evolução” tem a ver com atributos considerados masculinos em nossa cultura. Evoluir é se masculinizar. E, pior, que a evolução significa “adestrar” seu companheiro, numa lógica de reprodução de uma relação de poder opressora. Percebam como uma simples propaganda reitera a hierarquia entre masculino e feminino em nossa cultura. Vejam que a nossa discussão não é sobre ter vagina ou ter pênis (questão biológica), mas sobre o que é valorizado na cultura em relação ao masculino e ao feminino. Ainda se associa ao feminino os aspectos estéticos e morais da fragilidade e, ao masculino, os aspectos da força e da virilidade. E ainda se argumenta que os aspectos do masculino são superiores ou melhores que os do feminino. É assim que a desigualdade de gênero vai sendo construída.

As relações de gênero estão expressas por todos os lados, então, olhe ao lado, veja de novo. O que você enxerga?

→ OBSERVANDO FORMAS E TEXTURAS

NUNCA HOUVE UMA MULHER COMO GISELE

Os comerciais da marca de *lingerie* Hope com a modelo Gisele Bündchen causaram muita polêmica, e o movimento feminista conseguiu retirá-los do ar. São três comerciais.

Cada um deles começa com a frase “Hope ensina”. E, no caso, a professora é a Gisele Bündchen. No primeiro, ela diz ao marido que “bateu o carro”; no segundo, que “estourou o cartão de crédito”; e, no terceiro, que “mamãe vem morar com a gente”. Ela aparece em dois momentos: em um, vestida comumente e, no outro, apenas com peças íntimas. O recado é direto: após o primeiro momento, lemos a frase “errado”; após o segundo momento, a frase “certo”. E no final: “Você é brasileira, use o seu charme.”

Mulher de *lingerie* “convence” o marido mais facilmente. Mas também não é qualquer mulher, é uma *top model* que tem um determinado corpo, um determinado *status*. A mensagem divulgada é que toda mulher, por ser brasileira como Gisele, para “dobrar o marido”, basta usar a *lingerie* do anúncio. Será que é assim?

Há ainda uma mensagem que reitera o ditado “mulher no volante, perigo constante”. O tom da propaganda é como se o dono do carro fosse o homem, e a mulher, ao utilizá-lo, fez algo errado e ainda tem medo de contar ao dono, como se conduzir um carro, conduzir a própria vida, conduzir as próprias escolhas, não fossem coisas de mulher, segundo essa propaganda.

Outro ponto que a propaganda reforça é a questão da relação das mulheres com o consumo. Na cena do cartão de crédito, está a mulher que compra de forma insana com um dinheiro que não lhe pertence, que não foi ela que trabalhou para ganhar. Reitera-se um estereótipo da mulher como consumidora ensandecida e como a gastadora do dinheiro suado do homem. É como se a mulher não trabalhasse, não tivesse condições de cuidar do próprio dinheiro e de fazer escolhas acertadas de como utilizá-lo.



Todas essas propagandas e imagens podem ser discutidas e problematizadas com os estudantes em sala de aula. Ensinar a analisar criticamente as mensagens da mídia é uma tarefa de um Ensino Médio Inovador. Os exemplos disponíveis nesse texto se entrelaçam com um dos macrocampos do Ensino Médio Inovador: a Cultura Corporal. Nesse macrocampo, encontram-se indicações da importância do corpo e de seus afetos como aspectos relevantes e constituintes do mundo juvenil.

Conceituando e problematizando: sexo, gênero, sexualidade

Vamos começar agora a conceituar e oferecer ferramentas teóricas para o seu olhar. Na seção anterior, fizemos análises de propagandas, imagens e situações sociais, facilitando a sua percepção sobre como existe cotidianamente uma “educação generificada”. Foi possível perceber como somos bombardeados, em todo momento, por mensagens que alimentam estereótipos sobre o masculino e o feminino, reafirmando preconceitos e desigualdades. Nesta seção, vamos apresentar algumas discussões que acontecem entre os estudiosos das relações de gênero.

Inicialmente, vamos fazer uma distinção entre sexo e gênero. Quando uma pessoa grávida faz o ultrassom e o médico fala “É uma menina”, em que ele está se baseando? Ele está se baseando em uma característica biológica que é possível perceber no exame. Essa característica biológica é o sexo. A família dessa criança vai para casa e começa a comprar o enxoval com as cores rosa, lilás, e assim por diante. Nesse momento, em que se associam cores e padrões ao sexo biologicamente dado, estamos falando de uma questão cultural e social, ou seja, de relações de gênero. Pode-se dizer, de maneira simplificada, que o sexo é biológico e o gênero é cultural e social, tratando-se, portanto, de duas coisas distintas e não apenas de uma só, porém intimamente interligadas.

No exercício aqui proposto de olhar para os lados e olhar novamente buscando “generificar” o que se vê, você deve ter percebido que há diferentes padrões associados a ser homem ou mulher.

E você deve ainda ter percebido que esses padrões culturais estão hierarquizados em uma escala em que se tornam lineares características masculinas e femininas, e em que um é o espelho negativado do outro. Veja o esquema a seguir:



Ao construir esse espelho de opostos das características de homens e mulheres, se cria uma polaridade em que o prestígio e o poder são associados ao masculino. Isso é o sexismo. O sexismo se baseia no binarismo de gênero, a partir do qual se estabelecem dois polos nos quais se hierarquizam características opostas: atribuindo-se poder e prestígio a um dos polos,

enquanto ao outro polo se confere características tradicionalmente desvalorizadas.

O sexismo é justamente essa hierarquia entre valores, comportamentos e papéis, associados ao homem e à mulher. É o sexismo que naturaliza o fato de que homens possam ser astronautas, caminhoneiros ou pedreiros, e mulheres devam ser professoras, domésticas ou babás. É o sexismo que justifica que mulheres ganhem menos do que os homens, mesmo que exerçam a mesma atividade e tenham a mesma formação e preparo no exercício da mesma função.

Assim, espera-se que mulheres dóceis e maternas sirvam a homens viris e arrojados: esposas aos seus maridos, filhas aos seus pais, namoradas aos seus namorados, empregadas aos seus patrões. Você já deve ter observado, por exemplo, que, em lugares em que há muitas mulheres trabalhando, é comum que o supervisor ou o gerente seja um homem.

Claro que muita coisa já mudou graças à luta de muitas mulheres que se engajaram nos movimentos sociais, especialmente, o movimento feminista. Entretanto, ainda há muito a ser feito. Se vocês observarem a relação entre seus jovens alunos e alunas, vão perceber o sexismo aparecendo e vão observar como o binarismo de gênero é perpetuado.

E ainda temos mais um elemento para colocar em nosso caldeirão: a sexualidade! Costumamos esperar que uma menina ensinada a ser dócil só se apaixone por meninos.

Há, na nossa cultura, uma expectativa de que aconteça uma correspondência entre sexo-gênero-desejo. Entretanto, isso não acontece de forma tão linear. Existem várias pessoas que se posicionam de outras formas nessa linha que liga o sexo ao gênero e ao desejo. Por exemplo, vejamos a história da médica Christine McGinn.²

Ela é cirurgiã plástica, especialista em cirurgia de mudança de sexo. Até aí a sua história é como a de outras médicas, mas ela é uma mulher transexual. Ela nasceu com genitais e características sexuais masculinos: foi escoteiro e fuzileiro dos EUA, tendo lutado na Guerra do Iraque.³ Em 2000, ela fez sua cirurgia. Conheceu uma outra mulher, Lisa, e as duas constituíram uma família.⁴ Como Christine havia congelado seu esperma, Lisa foi inseminada artificialmente e gerou um casal de gêmeos de nome Eden e Lucas.⁵

Essa história nos aponta várias coisas. Inicialmente, é preciso refletir que o sexo biológico de uma pessoa não necessariamente vai definir como ela vai se posicionar socialmente em relação ao gênero (a esse posicionamento, chamamos de identidade de gênero). A expectativa social é que quem tem pênis deva se reconhecer como homem e direcione seus afetos para uma mulher. Porém, a história nos mostra que as pessoas se reconhecem de maneiras distintas. Você conhece pessoas que não seguem a linearidade entre sexo, gênero e desejo? Com certeza sim. Na

vida real, nas pessoas reais, vemos que as possibilidades são super variadas!

Mas a história de McGinn ainda nos oferece mais coisas para pensar. Ela fez uma cirurgia de mudança de sexo. Com isso, alterou seu corpo biológico e sua definição de sexo. Passou a ser uma mulher, uma transexual. E que gosta de outra mulher, com uma orientação do desejo sexual homossexual. Nosso desejo sexual e nossos afetos podem ser mobilizados por pessoas de outro sexo, do mesmo sexo ou dos dois sexos. Dependendo de como nosso desejo se mobiliza, dizemos que somos heterossexuais, homossexuais ou bissexuais. A sociedade costuma legitimar apenas as relações heterossexuais, porém, cada vez mais tem sido possível enxergar outras possibilidades no campo da sexualidade com menos preconceito.

Existe uma norma construída culturalmente e existem diferentes experiências vividas pelas pessoas em relação a essa norma. Nem todo mundo cabe nela. O que fazer com essas pessoas? Lidar com quem é “fora da norma” sempre foi uma questão para a nossa sociedade. Criamos sempre um sistema de vigilância para assegurar que todo mundo “entre na norma”. Em relação à sexualidade, esse sistema é a heteronormatividade.

A heteronormatividade é um sistema de vigilância social em que homens e mulheres são interpelados a demonstrar apenas comportamentos coerentes com seu sexo biológico e com o desejo heterossexual.

A heteronormatividade se expressa em situações cotidianas e, aparentemente, despercebidas. Falas como “anda direito, firma esse corpo, está parecendo mulher”, direcionadas a um menino, são exemplos da heteronormatividade. Estamos o tempo todo vigiando as subjetividades e comportamentos para assegurar uma heterossexualidade. Quando uma pessoa foge da norma heterossexual, ela pode ser vítima de agressões ou violência, ou seja, de homofobia.

A homofobia é a atuação preconceituosa e discriminatória com pessoas que fogem da norma heterossexual e/ou que a identidade de gênero não é coerente com seu sexo biológico. Assim, quando uma pessoa é agredida pelo fato de parecer ou ser *gay*, dizemos que foi vítima de homofobia. O enfrentamento da homofobia nos ambientes escolares precisa ser fortalecido, assim como o questionamento da heteronormatividade. É preciso ensinar e aprender que existem diferentes formas de expressão da sexualidade e que todas podem ser legítimas.

Vejam só o caso da Christine McGinn: ela contraria as normas de gênero ao se indispor contra a heteronormatividade e o faz em vários momentos de sua vida. Quando faz a cirurgia, quando se apaixona por outra mulher e constitui uma família com ela, quando elas resolvem ter um filho, quando fazem inseminação artificial com o seu esperma anteriormente coletado. Como podemos nomear Christine? Ela pode ser definida como uma mulher transexual lésbica. Nesse sentido,

ela não cabe no binarismo de gênero formatado pelo heterossexismo que prescreve que se é homem *ou* mulher, heterossexual *ou* homossexual, masculino *ou* feminino. É o binarismo de gênero que define se estamos do lado de cá *ou* do outro lado a partir do sexo meramente biológico de cada um, visto que se tem pênis *ou* vagina.

Homofobia, sexismo e violência nas escolas

Tudo o que discutimos até aqui tem um impacto direto sobre nossas práticas cotidianas nas escolas. Como professores, desejamos um padrão de estudante. Queremos que todos aprendam do mesmo jeito e ao mesmo tempo, queremos que todos se comportem de uma mesma maneira, queremos um formato único de aluno. Porém, essa nossa expectativa nega algo que é inerente à condição humana: a diferença.

Entender a diferença como algo do humano reposiciona nossas atitudes. Saímos de um discurso de “tolerância” ou “respeito” à diferença para entendermos que a diferença constitui a realidade. Dessa forma, nossas intervenções partem de um pressuposto: existe uma diferença a ser respeitada por alguém que está em um outro lado, o lado dos iguais. Por exemplo, quando discutimos que é preciso respeitar os moradores da zona rural, estamos dizendo nas entrelinhas que eles são menos que os moradores da zona urbana e, por isso, é preciso se pensar em estratégias para respeitá-los.

Se nossa sociedade considerasse a diferença como um direito de todos, não seria preciso se criar estratégias de proteção ou campanhas educativas para respeitar aqueles grupos que têm menos prestígio social e são considerados “os diferentes”. A escola pode contribuir no processo de educação para o direito à diferença.

A negação do direito à diferença produz experiências de enorme sofrimento no cotidiano escolar. Vejam o exemplo abaixo:



Sobre o assunto, é interessante assistir ao vídeo, que é um pequeno trecho de um dos episódios do programa *Profissão Repórter* da Rede Globo de Televisão, exibido no dia 19 de junho de 2009.⁶

O tema desse programa é a Escola de Periferia, e ele retrata uma escola na Zona Leste de São Paulo, o prédio e a precária conservação de seu mobiliário, os seus profissionais com duplas ou triplas jornadas de trabalho e os jovens alunos com suas vivências na sala de aula.

Acompanha-se a vida de alguns alunos, mas, em meio à exibição, um assunto se destaca: o caso do suicídio de um menino de 14 anos. Iago, um aluno que poderia ser um jovem aluno de sua escola, mata-se por ser discriminado ao ser visto como homossexual. Percebam que, em nenhum

momento, se diz que ele seja homossexual, mas sim que ele tinha comportamentos, trejeitos, que não atendiam às expectativas sociais exigidas pelo binarismo de gênero. Perdeu-se uma vida.

O irmão de Iago aponta como a escola não prestou ajuda e se omitiu em face das manifestações de homofobia. No vídeo, a vice-diretora, ainda desconcertada pelo acontecimento, diz da pouca capacidade da escola de lidar com esse fato.



Tratar dessa questão é um desafio para a escola que, muitas vezes, crê que o discurso do respeito e da tolerância vai resolver a questão.

Porém, apenas discutir o respeito e a tolerância, sem ações concretas de proteção que os materializem, não é suficiente. Há demandas concretas de proteção e inclusão a serem feitas. Além disso, é preciso que a escola promova a diferença como um direito, como um fato que constitui a realidade.

Olhe ao seu lado, veja as situações cotidianas em que a omissão de alguns é a manifestação de uma ordem injusta. Diante das cenas de violência, opressão e omissão de que vocês devem ter se lembrado, percebemos a necessidade de discussão desse tema. Não por modismo ou porque está na mídia, mas pela lembrança de situações concretas que acontecem nas escolas em que vocês trabalham. É importante perceber

que a urgência desse tema e sua presença na mídia se justificam por ser intolerável que o Brasil seja o país com maior quantidade de assassinatos de cunho homofóbico. Segundo pesquisa realizada pela UNESCO,⁷ a violência contra homossexuais é, entre os alunos de quinze capitais brasileiras pesquisadas, a mais aceita e considerada a menos violenta. Esse dado nos mostra como as várias cenas cotidianas de preconceito e discriminação que acontecem em relação à orientação do desejo sexual, que não são problematizadas ou discutidas no contexto escolar, perpetuam uma naturalização de piadas, brincadeiras e humilhações que podem resultar em atos desesperados como o de Iago.

A escola não pode lavar as mãos em face do sexismo e da homofobia. É preciso desnaturalizar as desigualdades de gênero e combater a heteronormatividade. Muitos professores têm receio de se engajar nessa luta por suas convicções pessoais. É necessário, entretanto, entender esse engajamento como parte da nossa profissão como educadores e levar em consideração que a omissão da escola e a ausência dessa temática no currículo podem vir a trazer consequências danosas, algumas delas até irreversíveis, como no caso do suicídio de Iago.

Não podemos, em nome de um princípio moral particular, impedir os nossos jovens alunos de viverem sua identidade de gênero e a sua sexualidade, mesmo que particularmente não nos sintamos à vontade com algumas dessas expressões. Por isso, a escola republicana

mantida pelo Estado é pública, laica e gratuita, pois esses são princípios universais que buscam superar constrangimentos de ordem ideológica, religiosa e financeira. Dessa forma, espera-se que, na escola, as interações entre os indivíduos baseiem-se na percepção do direito à diferença e da possibilidade de igualdade de tratamento e acolhimento a todos os estudantes. É preciso combater olhares particulares que incentivam posições discriminatórias, excludentes e injustas que poderão estreitar os espaços de participação e excluir alguns que não cabem em determinadas óticas.

Ampliar o olhar em relação aos padrões estabelecidos para homens e mulheres, transexuais, travestis, *gays*, lésbicas, entre outros, é uma necessidade em uma escola que se pretende inovadora. Inovar é lidar com o tempo presente e o tempo futuro. É plantar o respeito, a flexibilidade e a possibilidade de coisas novas! Esperamos que, na escola de vocês, essas discussões possam ocorrer sempre!

Vivências juvenis da sexualidade

O currículo escolar costuma reduzir a discussão da sexualidade na juventude a dois temas: gravidez na adolescência e prevenção às doenças sexualmente transmissíveis – DSTs e ao Vírus da Imunodeficiência Humana – HIV. Vocês já devem ter percebido, pelo que já leram até aqui, que não achamos que esses dois

temas são os únicos que mereçam discussão no contexto escolar. Entendemos que uma educação em sexualidade deva contemplar a revisão das hierarquias de gênero e da sexualidade visando à construção de uma sociedade mais diversa e respeitosa. Entretanto, não queremos, com isso, afirmar que não é necessário discutir a gravidez na adolescência ou a prevenção à epidemia da AIDS. Porém, é possível inovar no *jeito* de conduzir essas discussões, partindo de uma lente que contemple as desigualdades de poder na questão do gênero e da sexualidade.

Discutir sexualidade com jovens em um Ensino Médio Inovador, sob as lentes da hierarquia de gênero, é indagar: por que tradicionalmente a preocupação é apenas com a menina grávida e não também com o menino pai? É perguntar-se por que razão, na faixa entre 13 e 15 anos, temos mais meninas contaminadas com HIV que meninos? É discutir como se constrói uma vigilância constante em relação ao gênero e à sexualidade que faz com que travestis acabem evitando a escola. Como discutir a prevenção de doenças com meninas que são o tempo todo bombardeadas por mensagens de desvalorização de si mesmas, como se o único poder que possuísem fosse o da sedução? Lembram a propaganda da Gisele Bündchen?

Da mesma maneira, os meninos são cotidianamente interpelados por mensagens que apresentam uma única forma de constituição da masculinidade

associada à virilidade, ao consumo de álcool e ao exercício irresponsável da sexualidade.

A gravidez na adolescência é uma preocupação que assola nossa sociedade e está enraizada em diferentes fatores. É preciso facilitar, nas escolas, a realização de pesquisas sobre o tema, para que saíamos do lugar-comum que ronda essa discussão, muitas vezes, caindo na falta de informação, numa “culpabilização” dos envolvidos ou num discurso moralizador que nega o direito ao exercício da sexualidade entre jovens. Jovens têm o direito de exercer sua sexualidade de variadas formas. Nossa tarefa, como educadores, é criar espaços de reflexão e discussão para que cada jovem tenha condições de formar sua opinião sobre sexualidade e, posteriormente, fazer escolhas coerentes com seus posicionamentos.

Em relação às DSTs, é desejável que se fortaleçam atividades que ampliem o universo da discussão para além do “tem que usar camisinha” e que se concentrem na questão do autocuidado, da responsabilidade pelo parceiro, do engajamento e da participação como estratégias preventivas. A criação de espaços de participação social tem sido reconhecida como uma boa ferramenta na redução de vulnerabilidades juvenis. Assim, é preciso pensar como fortalecer espaços de participação e discussão das temáticas da sexualidade, num ambiente dialógico, democrático e diverso.

Existem diversos manuais de oficinas e técnicas para serem utilizadas com adolescentes e jovens para a discussão de algumas temáticas da sexualidade. Virgindade, masturbação, métodos contraceptivos, ciúme, casamento, ficar ou namorar, primeiro amor e gravidez, entre outros. Todos esses materiais são ótimas fontes de atividades para serem realizadas com os estudantes. Nossa aposta é que, com o “olhar genericado”, vocês possam coordenar as discussões mobilizadas por essas atividades, facilitando o questionamento de hierarquias e preconceitos que orientam muitas atitudes.

Por exemplo, em uma atividade sobre iniciação sexual e virgindade, é possível discutir a moral dupla com que mulheres são educadas: ao mesmo tempo que se afirma o poder de sedução que possuem, se afirma a necessidade de evitar o sexo. Também é possível problematizar como meninos são impulsionados para uma iniciação sexual como prova de masculinidade, mesmo que não se sintam individualmente preparados.

Em uma atividade sobre métodos contraceptivos, é possível problematizar a atribuição exclusiva de responsabilidade de prevenção de gravidez às mulheres. É possível indagar por que quase todos os métodos incidem no corpo da mulher, enquanto que a camisinha – que incide no corpo do homem – tem tanta resistência.

Enfim, a nossa proposta é utilizar a lente de gênero e das hierarquias para conduzir todas as discussões sobre sexualidade. Com isso, o debate toca a responsabilidade dos sujeitos, se torna mais crítico, se politiza e contribui para a construção de uma nova sociedade.

Conclusão

Este caderno foi escrito para sensibilizá-los acerca da necessidade de se pensar a sexualidade e o gênero como duas dinâmicas decisivas para a sociedade e o cotidiano escolar.

É claro que o nosso espaço é curto e muitas questões não puderam ser aqui tratadas. Mas as referências bibliográficas e nossas indicações de textos, vídeos e sites também podem ajudar você a saber mais. Fique atento aos diversos cursos que são ofertados pelo Ministério da Educação – MEC e pelos governos estaduais e municipais que buscam qualificar os professores no enfrentamento do sexismo e da homofobia. Busque também nas Universidades e Organizações Não Governamentais – ONGs cursos de formação para professores, demais educadores e outros agentes públicos.

Engaje-se na luta contra todas as formas de discriminação e preconceito, pois é só olhar ao seu redor e perceber que muito há de ser feito.

→ OBSERVANDO FORMAS E TEXTURAS

E a escola? Como a escola reproduz as relações de gênero? Como a escola entende a sexualidade?

Que tal repetir o exercício de olhar ao redor? Olhe o prédio, os espaços da escola, os cartazes que estão afixados pelos corredores e salas de aula. Olhe também os alunos em interação e como eles se dividem em grupos. O que eles conversam? Como eles se distribuem nos espaços da escola? E os colegas professores? Como é a sala dos professores? Que conversas são feitas?

Você consegue “generificar” o seu olhar? Vê como as relações de gênero são organizadas nas falas e nas ações de todos quando interagimos? Algo como: “Ih, cara, não sei não, mas ‘cê tá jogando água para fora da bacia” ou “isso é coisa de menina direita fazer, fulana??!!”.

Bem, veja novamente e tente identificar os espaços da escola que possuem dimensões de gênero e que indicam formas, valores, comportamentos acerca do que meninos e meninas devem fazer ou como agir em certas situações.

O que orienta o nosso olhar: sexismo, machismo e homofobia no espaço escolar

Creio que o que você deve ter visto na sua escola seja uma expressão do sexismo e da homofobia que

atravessam as relações de gênero e, infelizmente, naturalizam o nosso olhar sobre determinados eventos. Isso nos induz a não mais perceber como ofensivas frases do tipo: “Ih, cara, conserta esse jeito de andar, que você está parecendo sei lá o quê” ou “fulana só gosta de provocar os meninos e depois corre!”

Nessas frases, há “pré-conceitos” sobre como homens e mulheres devem se comportar. Mesmo que você more em uma pequena cidade ou numa cidade grande, é possível afirmar ser o machismo um dos traços de nossa cultura que tenta determinar que meninas, por exemplo, devem adiar sua iniciação sexual, enquanto aos meninos são incentivados que a iniciem. Como diz o velho ditado, “prendam suas cabritas que o meu bode está solto”. Ou seja, as meninas dos outros vão estar em risco com a abordagem do filho varão, enquanto as minhas estarão seguras. Uma relação bastante desigual sobre como pais e mães educam seus filhos e suas filhas.

Na escola, isso não é diferente. Os professores também expressam valores de como meninas devem se comportar. Muitas vezes, esses valores estão associados a várias dimensões da vida escolar. Ou você nunca ouviu frases como: “Os cadernos dele são um capricho só, nem parece menino. E a letra? Linda, toda redonda, parece letra de menina” e “Hoje, os meninos vão jogar futebol, e as meninas, queimada?” E tem mais: “Não sei não, mas o fulano é muito calado, não

‘vejo ele’ com os colegas e, na hora do recreio, só fica com as meninas. Aí tem, nesse angu tem carço!” Ou: “Fulana veio novamente pra escola com aquela minissaia que parece um cinto de tão pequena. Também, né, tal mãe, tal filha.” No conselho de classe: “Ah, gente, esse menino não tem mais jeito, dou aula para ele desde a quinta série e foi sempre assim. O melhor seria se ele fosse fazer um curso profissionalizante, quem sabe de torneiro mecânico.”

São frases que se repetem e, muitas vezes, sem que se percebam os conteúdos sexistas que elas reproduzem. O que fica oculto é a capacidade que elas têm de ordenar valores bem distintos para homens e mulheres e “naturalmente” dizer o que compete a um e a outro. E ainda, ao fazerem isso, subalternizam esses valores de condutas a certas prescrições que, quando violadas, poderão dar origem a graves problemas de inadequação social.

O machismo e a homofobia são dois aspectos dessa violência que atingem mais especificamente àqueles que não seguem essas normas específicas sobre o que é ser homem e ser mulher.

→ OUTRAS CORES

Para pensar e ir além

Aqui estão alguns textos que você poderá usar para saber mais.

O primeiro bloco de textos é fruto de políticas públicas indutoras de ações que buscam estabelecer a equidade de gênero e a diversidade sexual. São produtos que surgem para combater o sexismo e a homofobia nas escolas e que servem de embasamento para futuras ações que possam vir a realizar. É necessário citar, entre essas políticas orientadoras, as vinculadas ao Plano Brasil sem Homofobia, como os cursos Educação sem Homofobia, e as que se vinculam à Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres ligadas ao gabinete da Presidência da República.

– Bloco 1

Caderno Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais, publicado pela Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, Secretaria Especial de Políticas Públicas de Igualdade Racial e do Ministério da Educação e organizado por Maria Elisabete Pereira e Fabíola Rohden. Disponível em: <<http://www.spm.gov.br/publicacoes-teste/publicacoes/2007/gde-2007.pdf>>.

Caderno *Direitos sexuais, direitos reprodutivos e métodos anticoncepcionais*, do Ministério da Saúde. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/cartilha_direitos_sexuais_2006.pdf>.

Boletim *Educação e Diversidade Sexual*, de iniciativa da TV Escola, programa vinculado ao Ministério da Educação e ao Programa Brasil sem Homofobia. Disponível em: <<http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/17562704-EduDiversidadeSexual.pdf>>.

Boletim *Saúde e prevenção nas escolas*, de iniciativa da TV Escola, programa vinculado ao Ministério da Educação. Disponível em: <<http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/155308saudeprevencao.pdf>>.

Cartilha *Diversidade Sexual na Escola*, realizada pela UERJ com ação do Programa Brasil sem Homofobia. Disponível em: <<http://www.pr5.ufrj.br/diversidade/images/DiversidadeWeb.pdf>>.

Caderno SECAD *Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos*, do Ministério da Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/escola_protege/caderno5.pdf>.

Livro publicado pela SECAD com textos conceituais sobre a questão da diversidade sexual na escola, sob a organização de Rogério Diniz Junqueira. Disponível em: <http://www.abglt.org.br/docs/diversidade_sexual_na_educacao.pdf>.

Livro publicado por uma ONG com textos conceituais sobre a questão da diversidade sexual na escola, sob a organização de Tatiana Lionço e Débora Diniz. Disponível em: <http://www.anis.org.br/letras_livres/capas/homofobia_e_educacao_introducao.pdf>.

– Bloco 2

Neste bloco, são elencados alguns textos acadêmicos para leitura com o objetivo de ampliar a compreensão do sexismo e da homofobia nas escolas. Os dois últimos textos citados no bloco anterior fazem referência a textos de pesquisadores que também servem a esse propósito.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, v. 19, n. 2, p. 17-23, ago. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>>.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. *Educação em Revista*, n. 46, p. 201-218, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/n46/a08n46.pdf>>.

MEYER, Dagmar E. Estermann; KLEIN, Carin; ANDRADE, Sandra dos Santos. Sexualidade, prazeres e vulnerabilidade: implicações educativas. *Educação em Revista*, n. 46, p. 219-239, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/n46/a09n46.pdf>>.

POCAHY, Fernando Altair; NARDI, Henrique Caetano. Saindo do armário e entrando em cena: juventudes, sexualidades e vulnerabilidade social. *Revista Estudos Feministas*, v. 15, n. 1, p. 45-66, abr. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v15n1/a04v15n1.pdf>>.

ROSEMBERG, Fúlvia; MOURA, Neide Cardoso de; SILVA, Paulo Vinícius Baptista. Combate ao sexismo em livros didáticos: construção da agenda e sua crítica. *Cadernos de Pesquisas*, v. 39, n. 137, p. 489-519, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v39n137/v39n137a09.pdf>>.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8635.pdf>>.

– Bloco 3

Aqui, selecionamos manuais de atividades para serem realizadas com os estudantes e vídeos que podem mobilizar discussões em sala de aula.

Série *Trabalhando com homens jovens* – Série de cinco cadernos que possui oficinas para trabalho com jovens. Disponível em: <<http://www.promundo.org.br/areas-de-atuacao/areas-de-atuacao-posts/manuais-do-programa-h/>>.

Série *Trabalhando com mulheres jovens* – Na mesma linha, série de atividades para a discussão de gênero e sexualidade com jovens. Disponível em: <<http://www.promundo.org.br/wp-content/uploads/2010/03/trabalhando-com-mulheres-jovens.pdf>>.

Caderno *Adolescentes, jovens e educação em sexualidade* – Disponível em: <<http://www.promundo.org.br/wp-content/uploads/2011/07/Toolkit-1.pdf>>.

Site do Promundo disponibiliza vários manuais educativos – Disponível em: <<http://www.promundo.org.br/manuais-para-trabalar-com-jovens-e-adultos/>>.

Vídeos

O filme *Homofobia nas escolas - bullying* é um pequeno vídeo que traz a dimensão da homofobia na sala de aula. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=BxEM2IySYVo>>.

O filme *Medo de quê* é um vídeo em que as questões relativas à homossexualidade entre rapazes é abordada. A ansiedade, o medo, as dificuldades de viver uma experiência homoafetiva entre adolescentes é o tema do filme. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=oryExiO5PL4>> (Parte 1) e <<http://www.youtube.com/watch?v=2xOAYoER-Ts>> (Parte 2).

O filme *Minha vida de João* se centra na história de um rapaz da infância à idade adulta em que ele vai aprendendo a ser homem. Questões como virgindade, violência, trabalho e outras tantas são demonstradas na perspectiva das relações de gênero. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=LESrHIGGon8>> (Parte 1) e <<http://www.youtube.com/watch?v=hQqNUIgaRho&feature=relmfu>> (Parte 2).

O filme *Era uma vez outra Maria* busca mostrar como as mulheres, acoissadas pela violência de gênero, buscam criar outras possibilidades de serem mulheres para além do machismo expresso pelo sexismo presente na educação que envolve meninos e meninas. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=6MEHILL1EZg&feature=relmfu>> (Parte 1) e <<http://www.youtube.com/watch?v=rKM8SsshivQ&feature=relmfu>> (Parte 2).

A Pixar, empresa de animação, fez esse vídeo institucional chamado *Things are getting better* [As coisas estão ficando melhor] para tratar da diversidade sexual e da homofobia que atingem as pessoas. A mensagem é dirigida a jovens para lhes dar confiança em permanecer lutando e acreditando que tudo pode

melhorar. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=CMOiH7gOgr0&feature=related>>.

Entrevista sobre gravidez na adolescência. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=OOD59Fsvt5M>>.

Documentário *Meninas* sobre gravidez na adolescência. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=KaVDBiZ-bdM&feature=player_embedded#!>.

Filme publicitário, cujo mote da campanha é *Pelo direito à indiferença*, produzido pela International Lesbian, Gay, Bisexual, Trans And Intersex Association — ILGA [Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, pessoas Trans e Intersex], em defesa da diversidade sexual. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=EoBMclioeQc>>.

Vídeo de uma menina questionando os brinquedos de meninas e meninos. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Lpp4Zt4caZY>>.

– Bloco 4

Aqui, recomendamos algumas ONGs e instituições que trabalham com essas temáticas e que podem ter materiais para auxiliá-los:

<<http://www.uff.br/emdialogo/>>: O *Portal EMDiálogo* foi criado por iniciativa do Observatório Jovem da Universidade Federal Fluminense e, hoje em dia, é mantido por uma rede de universidades que buscam, através da internet, a criação de comunidades temáticas para potencializar o encontro entre jovens do Ensino Médio.

<<http://www.ecos.org.br>>: A ECOS – Comunicação em Sexualidade – é uma organização não governamental com 20 anos de atuação consolidada na defesa dos direitos humanos, com ênfase nos direitos sexuais e nos direitos reprodutivos, em especial de adolescentes e jovens, com a perspectiva de erradicar as discriminações relativas a gênero, orientação sexual, idade, raça/etnia, existência de deficiências, classe social. Organização não governamental que trabalha com comunicação e direitos humanos numa perspectiva de gênero.

<<http://www.papai.org.br>>: Fundado em 1997, o Instituto PA-PAI é uma ONG que atua com base em princípios feministas e defende a ideia de que uma sociedade justa é aquela em que homens e mulheres têm os mesmos direitos. Assim, considera fundamental o envolvimento dos homens nas questões relativas à sexualidade e à reprodução e uma ressignificação simbólica profunda sobre o masculino e as masculinidades em nossas práticas cotidianas, institucionais e culturais mais amplas.

<<http://www.promundo.org.br>>: *Promundo* é uma organização brasileira com escritórios no Rio de Janeiro, no Brasil, em Washington, DC, nos Estados Unidos e em Kigali, em Ruanda, que trabalham em colaboração na promoção de masculinidades não violentas e de relações de gênero equitativas no Brasil e internacionalmente.

<<http://www.aids.gov.br>>: Canal de comunicação e divulgação do governo federal que traz notícias, estratégias, documentos, manuais e demais materiais sobre DSTs, AIDS e hepatites virais.

→ NOTAS

- 1 Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=TIYIwfCmu0>>.
- 2 CHRISTINE McGinn. Disponível em: <<http://www.drchristinemcginn.com/drmcginn/>>. Acesso em: 1 abr. 2012.
- 3 CHRISTINE McGinn. Disponível em: <<http://www.oprah.com/oprahshow/Real-Life-Modern-Family/2>>. Acesso em: 1 abr. 2012.
- 4 CHRISTINE McGinn e Lisa. Disponível em: <<http://www.oprah.com/oprahshow/Real-Life-Modern-Family/3>>. Acesso em: 1 abr. 2012.
- 5 CHRISTINE McGinn e Lisa. Disponível em: <<http://www.oprah.com/oprahshow/Real-Life-Modern-Family/1>>. Acesso em: 1 abr. 2012.
- 6 Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=E4sPwhPJBio>>.
- 7 CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004.

→ REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos parâmetros curriculares. *Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, p. 575-585, 2001.

AQUINO, Julio Groppa (Org.). *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1997.

ARIES, Philippe; BEJIN, Andre. *Sexualidades ocidentais: contribuições para a História e para a Sociologia da sexualidade*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOZON, Michel. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, Marília Pinto de; PINTO, Regina Pahim. *Mulheres e desigualdades de gênero*. São Paulo: Contexto, 2008.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena Machado e. *Juventudes e sexualidade*. Brasília: UNESCO, 2004.

CÊSAR, Maria Rita de Assis. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma “Epistemologia”. *Educar*, n. 35, p. 37-51, 2009.

DINIZ, Margareth; VASCONCELOS, Renata Nunes. *Pluralidade de cultural e inclusão na formação de professoras e professores: gênero, sexualidade, raça, educação especial, educação indígena, educação de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Formato, 2004.

FOUCAULT, Michel; ALBUQUERQUE, Maria Theresa da Costa; ALBUQUERQUE, J. A. Guilhon. *História da sexualidade*. 17. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

HEILBORN, Maria Luiza *et al.* *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

→ SOBRE OS AUTORES

PAULO HENRIQUE DE QUEIROZ NOGUEIRA

Professor da Faculdade de Educação e do Observatório da Juventude da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

ANNA CLAUDIA EUTRÓPIO B. D'ANDREA

Mestre em Psicologia Social e doutoranda em Educação com pesquisa na Formação de Professores e Educação em Sexualidade pela UFMG.

